

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE ARTES VISUAIS**

**CAROLINE PIRES KÜHN**

**FESTIVAL INTERNACIONAL DE BALONISMO: REFLEXÕES SOBRE UMA  
PAISAGEM EFÊMERA.**

**CRICIÚMA 2013**

**CAROLINE PIRES KÜHN**

**FESTIVAL INTERNACIONAL DE BALONISMO: REFLEXÕES SOBRE UMA  
PAISAGEM EFÊMERA.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de bacharel no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Me. Tiago da Silva Coelho

**CRICIÚMA**

**2013**

**CAROLINE PIRES KÜHN**

**FESTIVAL INTERNACIONAL DE BALONISMO: REFLEXÕES SOBRE UMA  
PAISAGEM EFÊMERA.**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de bacharel, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas.

Criciúma, 25 de junho de 2013.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Tiago da Silva Coelho – Mestre – (UNESC) - Orientador

Prof.<sup>a</sup>. Aurélia Regina de Souza Honorato – Mestre – (UNESC)

Prof.<sup>a</sup>Silemar Maria de Medeiros da Silva – Mestre – (UNESC)

Dedico esta pesquisa ao meu esposo, minha mãe e meu irmão e principalmente aos professores.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pela força e coragem que me deu nos momentos de incerteza e angústia. Ao meu esposo pelas palavras de conforto e esperança, e pela calma comigo durante esse semestre. Agradeço a minha mãe por não me deixar desistir, e principalmente agradeço aos professores pela paciência, dedicação e carinho com que me trataram durante todo o curso.

“A realidade está nas imagens, não no mundo concreto, pois este é efêmero e aquela, perpétua.”

Boris Kossoy

## RESUMO

Esta pesquisa bibliográfica da linha de pesquisa de processos e poéticas propõe explicitar o seguinte questionamento: De que maneira o Festival Internacional de Balonismo interfere de modo efêmero a paisagem da cidade de Torres e como isso pode ser representado através da arte contemporânea? para isso apoio-me em autores respeitados que tratam dos assuntos pertinentes a essa pesquisa como Jorge Coli referente à arte contemporânea, Kátia Canton que faz um diálogo entre fotografia e memória, registro, assim como Anne Cauquelin que trata de paisagem e cidade dentro do contexto urbano. Também trago um breve resumo sobre a história do balão, quem foram os primeiros homens a arriscar suas vidas pelo sonho de voar e pela liberdade deste sonho desde a Grécia Antiga. Para representar melhor os assuntos abordados trago artistas consagrados no mundo das artes com suas obras relacionadas à paisagem, fotografia e fotomontagem. Por fim represento toda a teoria abordada e defendida durante a pesquisa em uma produção artística contemporânea intitulada “Paisagem Cativa”, obtendo assim bons resultados.

**Palavras-chave:** Arte Contemporânea. Festival de Balonismo. Fotografia. Paisagem

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Vista aérea da cidade de Torres, RS. ....	11
Figura 2 - Máquina de voar de Da Vinci .....	15
Figura 3 - Ornitóptero de Da Vinci.....	15
Figura 4 - Passarola de Bartolomeu L. de Gusmão .....	16
Figura 5 - Balão Brasil de Santos-Dumont .....	17
Figura 6 - Fonte, Marcel Duchamp, 1917 .....	20
Figura 7 - O "Gigante" de Félix Nadar .....	23
Figura 8 - The two ways of life.....	25
Figura 9 - Dada-Ernst, 1920 .....	25
Figura 10 - Mask end Candle .....	26
Figura 11 - Spiral Jetty, Robert Smithson, 1970.....	27
Figura 12 - Festival Internacional de Balonismo 2013.....	28
Figura 13 - Farol dos Molhes, 2013.....	32
Figura 14 - Fotografia Festival Internacional de Balonismo, 2013.....	33
Figura 15 - Fotomontagem .....	33
Figura 16 - Praia da Guarita, 2013 .....	34
Figura 17 - Balão de forma, 2013.....	34
Figura 18 - Balões, 2013 .....	35
Figura 19 - Fotomontagem .....	35
Figura 20 - Paisagem Cativa nº1 .....	36
Figura 21 - Paisagem Cativa nº2.....	36

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	METODOLOGIA.....	12
3	O SONHO DE VOAR.....	14
3.1	ARTE.....	19
3.2	FOTOGRAFIA.....	21
4	PAISAGEM.....	27
5	INTERVENÇÃO NA FOTOGRAFIA.....	29
6	CONCLUSÃO.....	37
	REFERÊNCIAS.....	38

## 1 INTRODUÇÃO

Eu não sou natural de Torres/RS e sim de Porto Alegre/RS, mas vivi em Torres com minha mãe e meu irmão durante dezoito anos até ganhar uma bolsa de estudos para cursar Artes Visuais- Bacharelado na UNESC e me mudar para a cidade de Criciúma/SC, onde moro desde agosto de 2009 com meu esposo que também ganhou uma bolsa de estudos na mesma cidade. Desde o ensino médio sempre tive interesse por arte, ficava encantada com as pinturas que retratavam a realidade de uma época em que não havia fotografias, onde as pessoas recorriam aos pintores e escultores para fazerem às vezes de uma câmera fotográfica.

Mas foi no curso de Artes Visuais que conheci a arte contemporânea e descobri que arte não são só telas e esculturas e que existem muitas outras formas de fazer arte, que não é somente retratar o presente, mas mostrar suas ideias, suas emoções e suas intenções para com a vida e a sociedade. E foi assim que me apaixonei pelo curso, que nos mostra e dá uma introdução a muitas linguagens artísticas nos proporcionando um leque de opções para por nossas ideias em prática, é só escolher de que modo se quer fazer, com fotografia, xilogravura, vídeo, pintura, arte gráfica entre muitas outras.

Sendo assim em minha pesquisa escrevo um pouco sobre arte contemporânea no subcapítulo 2.1 Arte, onde trago Charlotte Cotton e Michel Archer, autores que entendem do assunto arte contemporânea, dando uma introdução sobre as mudanças ocorridas na arte, em paralelo também escrevo sobre arte efêmera fazendo uma ponte com a efemeridade do festival de balonismo de Torres/RS, onde uma cidade inteira para, vivendo o festival por alguns dias, e fica pelo resto do ano com a memória da festa, o que me lembra que vou falar também sobre a fotografia como memória no subcapítulo 2.2 Fotografia, o qual conversei com autores como Jorge Coli e Kátia Canton.

O Festival de Balonismo em Torres começou em 1989 quando os organizadores da Febanana, feira anteriormente realizada na cidade, resolveram trazer alguns balões para divulgar a feira. As pessoas ficaram tão deslumbradas com os balões que a feiravirou Festival Sul-brasileiro de Balonismo em Torres, e a cada edição que passava ficava ainda melhor, e assim no ano de 2000 ganhou o status de Festival Internacional de Balonismo que dura até hoje. Todos os anos são

convidados balonistas com seus balões de diversas formas e cores o que diverte ainda mais o público que vai prestigiar a festa, que conta ainda com shows, feiras gastronômicas e de vestuário, além de apresentações de grupos de capoeira, dança e saraus literários locais e grupos de teatro do estado.

A paisagem natural da cidade de Torres, formada por belas praias e morros a beira mar é incrivelmente linda e mais ainda quando somada ao colorido dos balões, juntos formam um momento único digno de ser registrado, por isso falotambém um pouco de paisagem no capítulo 3, no qual trago a autora Anne Cauquelin para fundamentar ainda mais minha pesquisa.

Torres é uma cidade linda e tranquila lugar para andar a pé ou de bicicleta e onde tudo é próximo, típico de cidade pequena. A cidade foi fundada em vinte e um de maio de mil oitocentos e setenta e oito e ganhou este nome por causa dos morros basálticos que costeiam a orla da praia, são eles: Torre norte (Morro do Farol); Torre do centro (Morro das Furnas) e Torre do Sul (Morro da Guarita<sup>1</sup>).

Torres ainda faz divisa com Passo de Torres, cidade que fica no estado vizinho de Santa Catarina cortadas pelo Rio Mampituba, que desemboca no mar, facilitando a pesca local.

Figura 1 - Vista aérea da cidade de Torres, RS.



Fonte: [www.skyscrapercity.com](http://www.skyscrapercity.com)

<sup>1</sup> Conforme site: <[www.torres.rs.gov.br](http://www.torres.rs.gov.br)> acesso em maio de 2013

Devido ao meu interesse pela cidade, pela fotografia e pela arte, tenho interesse em pesquisar as transformações, esta fuga da realidade que ocorre na cidade e na paisagem de Torres quando acontece o Festival de Balonismo. E pensando no que diz Canton (2009, p. 24) podemos notar que o festival, “[...] prolonga a duração dos acontecimentos com o objetivo de nos oferecer um tempo pleno de densidade, capaz de incitar a reflexão e a contemplação [...]”, partindo deste contemplar, da visão que se expande em cor no céu tomado de balões, é que encontro a inspiração poética de que preciso para a presente pesquisa.

Hoje na era da arte contemporânea, a arte considerada efêmera, tem se tornado mais ampla e mais forte, pois deixamos de querer o eterno para desejar o transitório, o que dura pouco e só não a perdemos por conta dos registros feitos pela fotografia e o vídeo. Aliás, talvez seja por isso que cada vez mais tem aumentado o número de produções artísticas como a videoarte e a fotografia. Mas para a produção artística, que será parte da minha pesquisa, decidi produzir algumas fotomontagens com as fotos do balonismo com a finalidade de fazer um registro dessa paisagem do festival que acontece uma vez ao ano, que tem duração de aproximadamente três dias na cidade de Torres/RS, o que o torna um festival efêmero.

A arte considerada efêmera não pode ser comprada e levada para casa, a não ser por registros como a fotografia, pois, são acontecimentos, onde o que importa é seu conceito e a intenção que o artista teve quando a criou, assim encaixando-se na linguagem da arte conceitual, onde não importa por quais mãos a obra foi produzida, não necessitando ser a do artista, mas sim seu conceito. Os artistas do efêmero produzem happenings, performances, instalações, a arte momentânea onde o que fica são as mensagens e intenções que foram passadas e claro, mais uma vez seus registros, quando feitos.

## 1.1 METODOLOGIA

Para que possamos realizar uma boa pesquisa é de suma importância que tenhamos um carinho especial pelo tema escolhido para que nos instigue a pesquisar sempre mais e mais sobre o assunto abordado, assim Santaella nos explica que:

Há uma farta bibliografia sobre isso e toda ela é bastante consensual sobre os tópicos que uma tal elaboração deve considerar e aos passos que devem ser seguidos para que ela seja bem sucedida. É nesse ponto que toda pesquisa começa: pela elaboração de seu projeto. Sem isso, a pesquisa já estaria comprometida de saída, pois seria o mesmo que fazer uma viagem sem conhecimento de seu caminho (2001, p. 151).

Toda pesquisa necessita além de muita dedicação do pesquisador a leituras e pesquisa sempre com boas bibliografias. Assim esta pesquisa em Arte, com o tema; Festival Internacional de Balonismo: Reflexões sobre uma paisagem efêmera, que tem como problema de pesquisa a seguinte questão: De que maneira as transformações efêmeras na paisagem natural de Torres, ocasionadas pelo Festival Internacional de Balonismo, podem ser representadas através da arte contemporânea? tem como objetivo geral refletir sobre a intervenção do festival de balonismo sobre a paisagem da cidade de Torres, mesmo tendo uma grande importância para a cidade a atração se torna efêmera pela sua duração. Como objetivos específicos busco identificar conceitos de fotografia e paisagem na arte contemporânea, fazer relações entre minha pesquisa e artistas conceituados na arte em geral, investigar conceitos de liberdade na fotografia e produzir duas fotomontagens com base na pesquisa bibliográfica, como obra final.

Esta pesquisa em arte é de natureza básica e que terá uma forma de abordagem qualitativa com o objetivo de ser exploratória e como procedimento técnico será uma pesquisa bibliográfica, ou seja, vou me basear em publicações como livros e artigos para fazer reflexões com base em conceitos e não em achismos. Esta pesquisa é uma proposta para o curso de bacharelado em Artes Visuais, na linha de pesquisa de processos e poéticas.

## 2 O SONHO DE VOAR

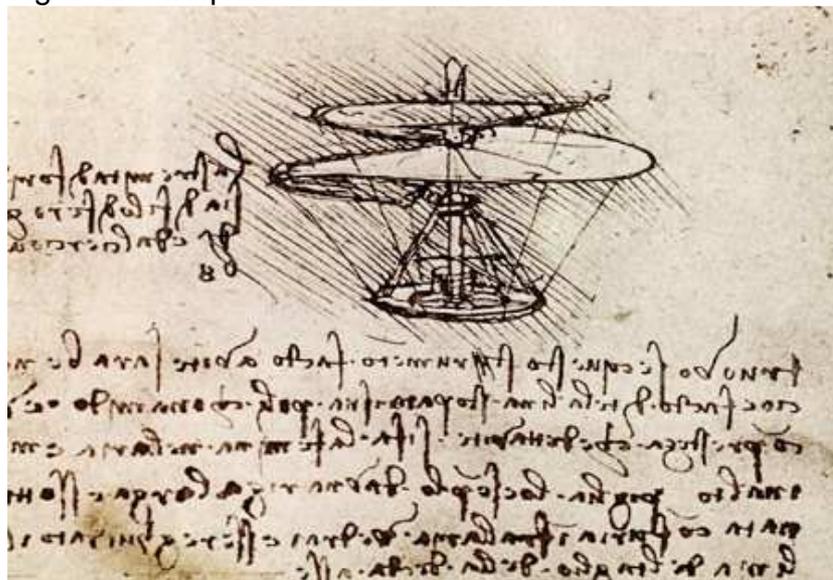
Desde muito tempo, o homem sonha em poder voar, em ser livre como os pássaros, em poder ir aonde quiser quando quiser, como os pássaros. E essa sede de liberdade começa na mitologia grega com Ícaro e seu pai Dédalo, na Grécia antiga Dédalo era um artesão e inventor muito respeitado em Atenas, este tinha um sobrinho Talos filho de sua irmã Policasta, Mas Talos tornou-se um inventor melhor que seu tio e começou a atrair mais clientes que seu tio, o que despertou em Dédalo muita inveja, este atraiu o sobrinho para o topo do templo de Atenas e o jogou de lá. Depois da tragédia Dédalo e seu filho Ícaro esconderam-se na ilha de Creta protegido pelo rei Minos que lhe solicitou que construísse um labirinto a prova de fuga. Mas Teseu matou o minotauro do labirinto e escapou, deixando o rei em fúria, o que o fez prender Dédalo e Ícaro no labirinto.

Para escapar da ilha Dédalo teve a ideia de criar asas, ele juntava as penas que caíam das aves, e misturando-as com cera de abelha teceu dois pares de asas, uma para ele e outra para Ícaro. Assim subiu no ponto mais alto da ilha e mandou que o filho o seguisse, e lhe advertiu, que não voasse muito perto do sol, pois poderia derreter as asas, e nem muito perto do mar, porque a umidade pesaria as asas, mas Ícaro que não se importava com nada, não obedeceu o pai e voou perto demais do sol, que derreteu a cera fazendo com que caísse no mar e morresse afogado, como nos conta Benjamin Abdala em seu livro De voos e ilhas: Literatura e Comunitarismos de 2003.

Mas o homem não desistiu do sonho de voar, e quem diria que Leonardo Da Vinci, apenas um pintor para mim, no século XVI planejava criar máquinas voadoras as quais chamava de “máquina de voar” (Figura 2) e de “ornitóptero” (

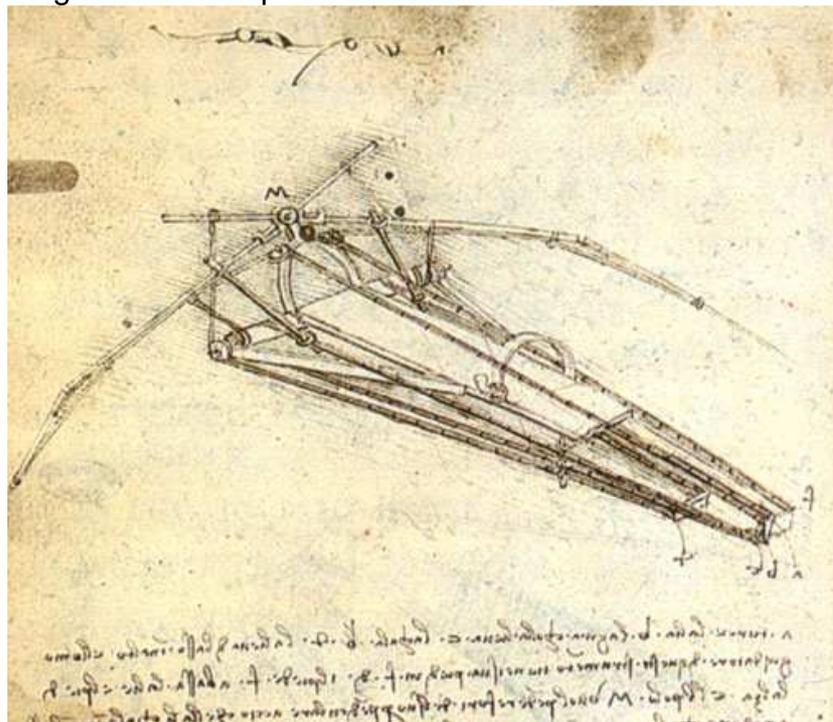
Figura 3), eram estruturas semelhante a asas de morcego movidas pela força humana, e foi o que chegou mais perto de voar em sua época.

Figura 2 - Máquina de voar de Da Vinci



Fonte: [www.univesp.ensinosuperior.sp.gov.br](http://www.univesp.ensinosuperior.sp.gov.br)

Figura 3 - Ornitóptero de Da Vinci

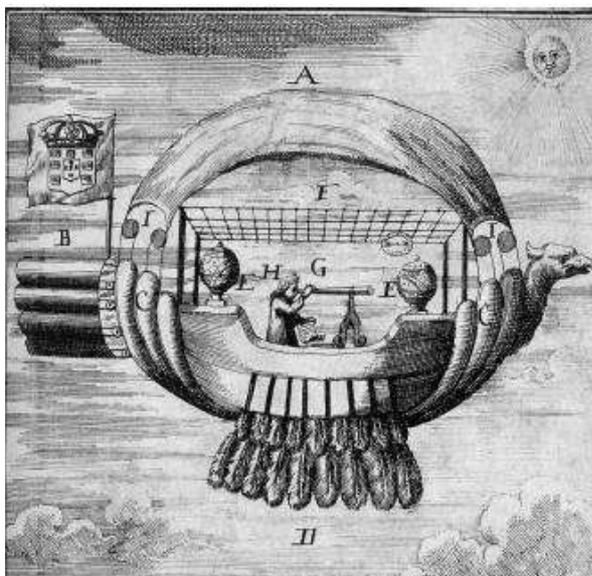


Fonte: [www.univesp.ensinosuperior.sp.gov.br](http://www.univesp.ensinosuperior.sp.gov.br)

Outro que teria tentado alçar voo foi o brasileiro Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão em 1709 ele começou a confecção de seu “instrumento para se andar pelo ar” (Figura 4), mas em suas três tentativas de desenvolver o aeróstato, que são aeronaves mais leves que o ar como o balão e os dirigíveis, Gusmão não teve sucesso, morrendo aos 38 anos na miséria, como cita João

Batista Garcia Canalle do Instituto de Física da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em um artigo para a Revista Brasileira de Ensino de Física.

Figura 4 - Passarola de Bartolomeu L. de Gusmão



Fonte: objdigital.bn.br

E em 1783 os irmãos Montgolfier franceses de Annonay obtiveram sucesso com o primeiro balão tripulado, claro que antes eles testaram o voo de balão colocando um carneiro, um galo e um pato vivos, que voaram por três quilômetros e aterrissaram muito bem. Sendo assim os irmãos Montgolfier em 21 de novembro de 1783 permitiram então que voasse Jean-François Pilâtre de Rosier em seu balão por nove quilômetros, e obtiveram sucesso novamente.

Agora chego a mais um brasileiro que teve muitas tentativas bem sucedidas tanto com os balões, com os dirigíveis quanto com o famoso 14 bis. Mas vou me deter apenas ao seu primeiro projeto, o balão. Alberto Santos Dumont é um brasileiro mineiro e o sexto de oito irmãos. Seu pai Henrique Dumont homem muito rico, não queria que Alberto se tornasse engenheiro como os outros irmãos, então lhe mandou para Paris, com muito dinheiro, mais ou menos 3 milhões de reais, e disse para ele estudar física, química e mecânica, pois sabia dos interesses do filho em voar.

Após correr de lá para cá nas ruas de Paris, tentando encontrar algum balonista que lhe deixasse ter a chance de voar, o que não conseguiu pois pediam quantias exorbitantes pelo voo, Alberto então desistiu da ideia e comprou um carro,

mas então conheceu o Sr. Lachambre que lhe concedeu um voo por 250 francos e fez Alberto retomar a vontade de voar. Mais tarde Santos-Dumont, com a ajuda do Sr. Lachambre e do Sr. Machuron construiu o Brasil, seu primeiro balão o mais leve de todos, e realizou seu primeiro voo em 04 de julho de 1898. Depois de seu grande sucesso com o “Brasil” (Figura 5), ele construiu um balão maior o ‘L’Amérique” que lhe rendeu um premio por conseguir voar por 23 horas, como cita Santos-Dumont em suas memórias que é traduzido por A. de Miranda Bastos no livro Meus Balões de (2007).

Figura 5 - Balão Brasil de Santos-Dumont



Fonte: fab.mil.br

Depois disso se aventurou com outros balões e após dedicou-se aos dirigíveis e assim por diante, sempre aprimorando suas técnicas.

Alberto suicidou-se em São Paulo aos 59 anos durante a Revolução Constitucionalista. Toda a sua vida sonhara em dar asas ao homem, sentir-se como os pássaros, livre e, no entanto no final de sua vida aprisionou-se mais do que um pássaro engaiolado, pois o mau já estava feito, e sua consciência gritava. Como cita Mendonça, (1977, p. 12):

Diz-se que a liberdade consiste em cada um agir de acordo com sua consciência. Isto significa que cada um tem o direito de arbitrar sem maiores

compromissos o que lhe pareça bom ou mau, verdadeiro ou errado. O homem deve prestar contas à sua consciência.

Teoricamente o sonho de voar está diretamente ligado às teorias de liberdade. De acordo com a constituição brasileira: Título II Dos Deveres e Garantias Fundamentais, Capítulo I DOS DIREITOS E DEVERES INDIVIDUAIS E COLETIVOS, e de acordo com Artigo 5º parágrafo IX “é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença”<sup>2</sup>. Quer dizer que eu posso expressar livremente minha arte? Sim desde que não infrinja outras leis, pois nosso direito termina aonde começa o do outro. Na constituição parece tudo muito lindo, mas na verdade, esses direitos e deveres estão entrelaçados uns nos outros, e se não tivermos conhecimento prévio de leis que nos protegem e que nos faz vulneráveis, é melhor estudá-las muito bem antes de sair às ruas protestando, ou fazendo uma performance um tanto quanto sensual demais aos olhos da lei. E é como nestes casos que entra o conceito do “mito da liberdade”, como cita Mendonça, (1977 p. 11);

Desproporcionado com a realidade, o conceito de liberdade se transforma num mito. Em lugar de uma ideia-força, de uma diretriz, de servir de guia à estruturação de valores efetivos, de princípio capaz de fecundar criativamente a vida humana, transforma-se em fonte de desencanto e decepção. Não deixa de comover, não deixa de impressionar e atrair, e até mesmo ao contrário, por vezes aparece mais atraente, pela superficialidade e imediatismo do seu anúncio. Mas, as consequências se fazem sentir, cedo ou tarde.

Isso nos faz pensar que, querer não é poder, e que o conceito de liberdade no ramo das artes é muito mais simplificado, pois a nossa liberdade está em nossa criatividade, e essa liberdade de criação ninguém pode nos tirar, ninguém pode nos impedir de criar.

As artes exercem um relevante papel numa sociedade livre. O papel social do artista é romper a rotina da vida pragmática. A visão estética, que marca a verdadeira obra de arte, é uma expressão desinteressada e lúdica, que convida os homens meramente práticos a serem sacudidos de um certo torpor dos hábitos mecanizados. Isto se efetua, evidentemente, através de uma arte autêntica, que é livre porque essencialmente criadora, (MENDONÇA, 1977, p. 109).

Como nos explica Mendonça, o que importa é sermos autênticos na produção de nossa arte, e esta deve levar às pessoas, cultura, crítica e deve ser

---

<sup>2</sup> Conforme citada na Constituição Brasileira, fonte: <[www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br)> acesso em: maio de 2013

também uma produção artística que faça as pessoas questionarem a si mesmas e a sociedade em que vivem.

## 2.1 ARTE

Desde a idade da pedra, ou pré-história, o homem já fazia arte pintando nas paredes das cavernas para contar sua história. Passamos por vários períodos artísticos, pela arte da Idade Moderna até chegarmos à arte Contemporânea, que começa mais ou menos nos anos de 1960 até a atualidade, e abrange ainda a Pop Art, OpArt e Arte Conceitual. A Arte Contemporânea é sinônimo de ação, democratização, efemeridade e diversidade.

E para que serve a arte? Para começar, podemos dizer que ela provoca, instiga e estimula nossos sentidos, descondicionando-os isto é, retirando-os de uma ordem preestabelecidas e sugerindo ampliadas possibilidades de viver e de se organizar o mundo[...] A arte ensina justamente a desaprender os princípios das obviedades que são atribuídas aos objetos, às coisas. Ela parece esmiuçar o funcionamento dos processos da vida, desafiando-os, criando para novas possibilidades. A arte pede um olhar curioso, livre de “pré-conceitos”, mas repleto de atenção. (CANTON, 2009 p.13)

A arte é uma forma de expressão e de propagação de ideias culturais e de identidade, isso é a vida, uma conexão entre alegrias, tristezas, perdas, ganhos, saudades, sonhos, realizações e outras vivências que o homem compartilha consigo mesmo e com os outros. E a arte contemporânea nos libertou para uma forma de expressão muito mais declarada e ampla, pois antigamente como cita Coli (1995, p.70):

A obra tinha, por exemplo, uma função religiosa que ignoramos ou conhecemos mal, baseava-se em convenções que não são mais as nossas: à medida que esquecemos essas significações originais, fomos atribuindo a ela as significações de nossa cultura.

A liberdade artística hoje, nos permite divulgar todos os sentimentos que temos em relação ao mundo com as várias formas de expressão artística, hoje um artista não precisa somente produzir telas ou esculpir, pode fotografar, fazer performances, happenings, videoinstalações, enfim são inúmeras as opções. Os artistas de hoje são mutáveis, são artistas na forma mais ampla da expressão. E a arte efêmera nos ensina que uma obra não serve para decorar,mas sim para

expressar sentimentos e desejos, isso é arte contemporânea, uma arte que não se preocupa em ter um tempo, um período, ou estar dentro de critérios, é uma arte que busca intenção, questionamentos e reflexões tanto dos que a produzem quanto dos que a observam.

Michel Archer diz que “De início, parece que, quanto mais olhamos, menos certeza podemos ter quanto àquilo que, afinal, permite que as obras sejam qualificadas como “arte”, pelo menos de um ponto de vista tradicional [...]”(2001, prefácio), pois ultimamente alguns artistas tem produzido obras um tanto bizarras, difíceis de nos fazer entender que aquilo que estão expondo seja arte, um exemplo clássico são os objetos encontrados ou read-mades do artista francês Marcel Duchamp, onde o artista se apropria de um urinol, que é um objeto fabricado em série, o inverte de posição, assina com um nome fictício “R. Mutt 1917” e o nomeia de “Fonte” (

Figura 6), conforme explica Charlotte Cotton em seu livro “A fotografia como arte contemporânea” de 2010. Ou ainda a, [...] “série de fotos de natureza morta de Fischli e Weiss, compreendendo objetos comuns reunidos e fixados em combinações insólitas”. (COTTON, 2010, p. 115).

Figura 6 - Fonte, Marcel Duchamp, 1917



Fonte: [www.ecoarte.info](http://www.ecoarte.info)

O público não está acostumado com tanta arte contemporânea, “[...]e observa tudo que lhe é apresentado para tentar aplicar um julgamento estético, ou, na falta dele, poder ao menos ‘se encontrar’”. (CAUQUELIN, 2005, p. 9). As

produções artísticas de hoje, não ganha mais aquele status de obra-prima, tanto pela sua plasticidade, quanto pelo seu poder de arte decorativa praticamente eliminada pela arte contemporânea. E como seria um artista contemporâneo? Como cita Agamben, (2009, p. 64), “[...] contemporâneo é aquele que perceber o escuro do seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpretá-lo, algo que, mais do que toda luz, dirige-se direta e singularmente a ele”. Quer dizer que é aquele que vai atrás do que quer, e se o que quer é falar, ou mostrar a sociedade que algo está errado e que precisamos nos mover para que isso não se torne uma pandemia, ele vai e faz o que sabe fazer melhor, que é se expressar através da sua arte, e como diz Cocchiarale, (2006 p. 16), “Se a arte contemporânea dá medo é por ser abrangente demais e muito próxima da vida”. E essa pesquisa, visa questionar e refletir a questão da cidade de Torres/RS e de um festival que nela acontece por meio da arte contemporânea e por meio de fotografias que será o meio de transformar a pesquisa em uma produção artística.

## 2.2 FOTOGRAFIA

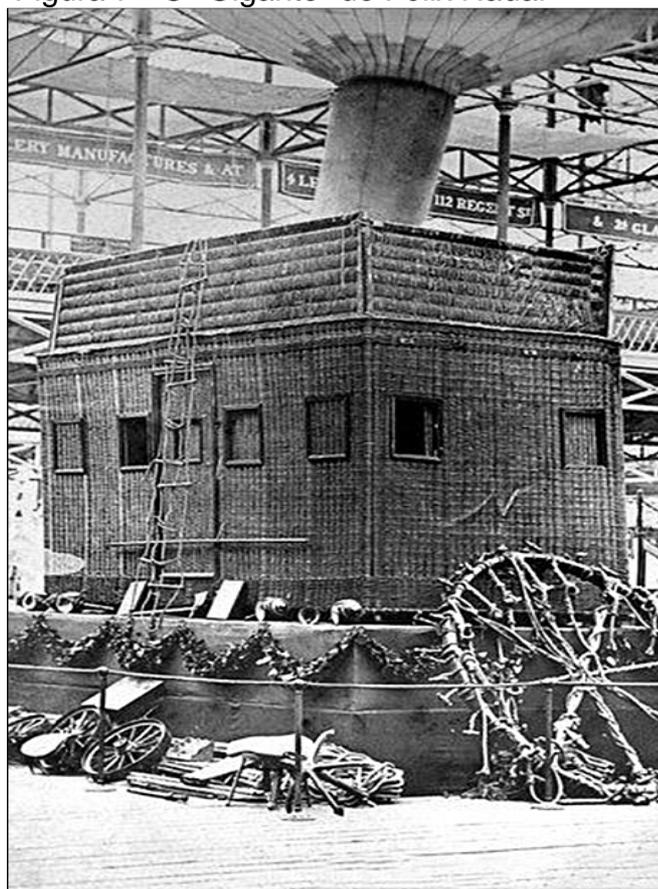
Foi difícil até a fotografia ser reconhecida como arte, houve muitas indagações e repreensões de artistas, principalmente de pintores e escultores, pois como pode ser arte uma máquina que copia a paisagem e as pessoas exatamente como elas são perfeitamente, quer dizer, o que o fotógrafo faz, aperta um botão e copia? Mas arte é como nos explica Coli (2004, p. 70): “[...] pode estender indefinidamente seu campo, mas, quando colamos num objeto a etiqueta, “artístico” estamos transformando-o irremediavelmente”. O que quer dizer que hoje definitivamente a fotografia tornou-se uma forma de expressão artística assim como as demais.

Uma das novidades surgidas no século XIX e que teve impacto fenomenal sobre a arte foi a fotografia. Inventada em 1.820 e aprimorada em 1.839, a partir de experiências de Niépce, Talbot e Daguerre, ela se torna um dos principais inventos do início da era moderna... Agora a fotografia podia cumprir essa função, dando ao artista a liberdade de criar e realizar novas pesquisas e experimentos com seus pincéis, suas mãos e seus olhares. (CANTON, 2009 p. 19)

Antes da invenção da fotografia a maioria dos artistas como pintores e escultores eram contratados para fazer às vezes de uma máquina fotográfica, pois pintavam nas telas, por exemplo, imagens que registravam os principais acontecimentos familiares com o patriarca da família, os noivos que iriam se casar ou ainda a família inteira como lembrança, e essa era a forma de registro das pessoas dos séculos anteriores ao século XIX. E agora depois da invenção da fotografia os artistas podiam criar a vontade, pintar o que lhes agrada da maneira que quiser e com as cores que desejar. Os escultores agora podem esculpir suas criações, e não mais o busto de um comandante qualquer. Mas, Kubrusly, (2003 p. 8) questiona, “Afim o que é fotografia?... Um documento histórico, prova irrefutável de uma verdade qualquer? Ou a possibilidade mágica de preservar a fisionomia, o jeito e até mesmo um pouquinho da alma de alguém de quem gostamos?”, na verdade fotografia é um pouco de tudo isso. Ela é um registro de um fato importante ou não, uma recordação de um momento ou de alguém, não importa. Ela é a nossa maneira de preservar e recordar, e de trazer à tona lembranças esquecidas na memória, mas que ressurgem quando olhamos uma fotografia.

Como por exemplo, as fotografias de Félix Nadar, como painéis gigantescos com fotos de caricaturas feitas por ele mesmo de personalidades da década de 1855, expostas nas ruas de Paris. Félix em 1858 em um voo de balão, tirou uma fotografia aérea de Paris, e ficou tão fascinado que construiu seu próprio balão “O Gigante”. Um balão enorme que cabia muitas pessoas, ele tinha até um lavabo e um estúdio fotográfico dentro do balão. Entretanto em um voo de Paris para a Alemanha “O Gigante” caiu e feriu muitos passageiros gravemente, mas Nadar não desistiu e mais pra frente construiu outros balões e continuou com seus voos e suas fotografias.

Figura 7 - O "Gigante" de Félix Nadar



Fonte: foto.espm.br

Félix ainda foi o primeiro a usar luz artificial de magnésio como flash para a fotografia, pois queria fotografar lugares escuros como os esgotos e cemitérios parisienses. Como no caso de Félix Nadar, a fotografia estimula em algumas pessoas a imaginação e em outras a memória, principalmente se associada a uma história sobre como e onde foi tirada, em que evento ocorreu o clic. A memória é um importante arquivo pessoal, uma pessoa com a memória sempre ativa consegue fazer comparações de épocas e acontecimentos importantes, com coisas que acontecem nos tempos atuais e consegue com isso fazer escolhas com mais facilidade e segurança, tanto pessoais como interpessoais. Pessoas com memória ativa carregam consigo uma bagagem de conhecimentos e experiências, adquiridas ao longo do tempo de alto valor histórico.

Como cita Delgado (2006, p. 17): “Os sinais exteriores são referências e estímulos para o afloramento de lembranças e recordações individuais que constituem o substrato do ato de recordar [...]”, o que mostra que a fotografia é

uma excelente fonte de estímulo dessa memória arquivada e trazeremos as histórias que estas carregam consigo.

A memória, condição básica de nossa humanidade, tornou-se uma das grandes molduras da produção artística contemporânea, sobretudo a partir dos anos 1990. Nesse momento, proliferam obras de arte que propõem regimes de percepção que suspendem e prolongam o tempo, atribuindo-lhe densidade, agindo como uma forma de resistência à fugacidade que teima em nos situar num espaço de fosforescência, de uma semiamnésia gerada pelo excesso de estímulos e informação diária.[...] Como os artistas lidam com a questão da memória? Nas artes, a evocação das memórias pessoais implica a construção de um lugar de resiliência, de demarcações de individualidade e impressões que se contrapõe a um panorama de comunicação à distância e de tecnologia virtual que tendem gradualmente a anular as noções de privacidade, ao mesmo tempo que dificultam trocas reais. (CANTON 2009, p. 21 e 22).

Nessa pesquisa a fotografia tem um papel crucial, que será o de registro e de aprisionamento, pois no Festival de Balonismo, uma festa totalmente efêmera, tudo acontece muito rápido, tudo muda muito rápido e os balões nunca fazem o mesmo trajeto e é preciso registrar tudo o que puder, para ter o que ver e mostrar depois, como explica Kossoy, (2007, p. 131):

Fotografia é memória enquanto registro da aparência dos cenários, personagens, objetos, fatos; documentando vivos ou mortos, é sempre memória daquele preciso tema, num dado instante de sua existência/ocorrência. É o assunto ilusoriamente re-tirado de seu contexto espacial e temporal, codificado em forma de imagem.

E esse é o sentido do aprisionamento na fotografia, manter viva tanto a memória quanto o efêmero. Entretanto para esta pesquisa usarei a técnica da nossa conhecida fotomontagem, que foi experimentada logo após a invenção da fotografia no século XIX. Naquela época as fotomontagens eram feitas com a combinação dos negativos e conhecida como impressão combinada. Como explica Luis Monforte, em seu livro *Alegorias Brasileiras*, (2005, p. 70) “Para o propósito final das imagens registradas, o da impressão, os diversos negativos eram mascarados, combinados e montados a partir de um segundo registro, de modo a reconstruir a cena original”. E o pioneiro neste campo foi Oscar Gustave Rejlander com a montagem intitulada *The two ways of life* (as duas formas de vida) (Figura8), apresentada na exposição *Arte Tesouros em Manchester*, 1857.

Figura8 - The two ways of life



Fonte: <http://photographyhistory.blogspot.com.br>

Houveram ainda muitos artistas como um dos fundadores do construtivismo russo que também fazia fotomontagem Alexander Rodchenko, a também precursora da fotomontagem Hannah Höch (Figura 9) que participou dos movimentos Dadaístas na Alemanha e também na Itália. Hannah era uma artista de fotomontagens e fez isso a vida toda, ela produzia obras feministas, falava da mulher colonial e da mulher moderna, juntava várias fotografias diferentes formava uma composição e tirava uma nova fotografia, esta chamada de fotomontagem.

Figura 9 - Dada-Ernst, 1920



Fonte: [www.yellowbellywebdesign.com](http://www.yellowbellywebdesign.com)

E é claro que não poderia deixar de citar Man Ray<sup>3</sup>, artista surrealista. Emmanuel Radnitski, seu nome de registro, é um norte-americano nascido em 1890 e falecido em 1976. Man Ray na década de 1920 começou a fazer experiências com fotogramas, essa nova técnica denominou-se rayografia (Figura10). Ray sobrepunha os fotogramas e criava uma nova forma de montagem fotográfica, diferente é claro das técnicas convencionais de fotomontagem, que se baseia em juntar pedaços de fotografias, ou colagem, fazer uma composição, bater uma nova fotografia para que essa possa ser aumentada, ou não, e assim ser chamada de fotomontagem.

Figura10 - Mask end Candle



Fonte: [www.manray-photo.com](http://www.manray-photo.com)

Hoje em dia a grande maioria das fotomontagens são feitas através de software de edição de imagem como o photoshop, onde trabalhamos com a quantidade e variedade de imagens que desejarmos, além de termos vantagem em relação à plasticidade das imagens, pois podemos editar de uma maneira que fique mais harmoniosa se assim o desejar.

---

<sup>3</sup> [www.manraytrust.com](http://www.manraytrust.com)

### 3 PAISAGEM

Quando falamos em paisagem, não importa se é urbana ou rural a paisagem é tudo aquilo que conseguimos abarcar com o nosso olhar, como se fosse um ambiente com chão, paredes e teto, sendo o teto o céu ou o próprio teto de nossa casa por exemplo. Com a velocidade com que atravessamos o nosso dia, seja de ônibus ou de carro, não estamos conseguindo ter uma percepção ampla de paisagem e sim uma paisagem cortada ou fragmentada.

Quando se ouve a palavra paisagem, pensa-se logo em algo belo como as fotografias que encontramos na internet quando digitamos esta palavra, mas nem sempre esta palavra significa beleza, nas cidades, por exemplo, existem as chamadas paisagens urbanas que podem ser exemplos de coisas não tão bonitas assim. Uma avenida pichada, o aglomerado das grandes comunidades ou até mesmo o 'rio Tietê', todos fazem parte da paisagem urbana da cidade de São Paulo, e são considerados sinônimos de desagrado da sociedade. Se houvesse educação, as ruas não seriam pichadas, haveria planejamento urbano e as pessoas não jogariam lixo nem esgoto sanitário nos rios, como explica Anne Cauquelin, (2007, p.9) "como esse meio ambiente deplorável se apresenta sob a forma de paisagens igualmente desoladas, assistimos a uma identificação entre meio ambiente e paisagem". Um exemplo bem interessante desta paisagem mais natural é a Land art onde os artistas utilizam o próprio ambiente natural para transformá-lo em arte, e um dos mais importantes artistas desta forma de fazer arte foi Robert Smithson como mostra a figura abaixo (Figura11).

Figura11 - Spiral Jetty, Robert Smithson, 1970.



Fonte: [www.robertsmithson.com](http://www.robertsmithson.com)

Para fazer Spiral Jetty em 1970 ele utilizou areia e pedras, para criar um espiral no mar, uma obra que inspirou muito a minha ideia de mudança na paisagem natural de um lugar, de uma cidade, pois é uma paisagem efêmera, que no caso do Spiral de Robert vai se desfazendo com os ventos e o movimento da água. E no caso do Festival de Balonismo é o vento e o balonista que decidem em comum acordo, para onde voam, pois não adianta o piloto do balão querer voar para o norte se o vento está soprando para o sul, aqui o balonista não tem a liberdade de voar para onde quiser, nesta fotografia abaixo (

Figura 12), por exemplo, estão todos voando para o sul.

Figura 12 - Festival Internacional de Balonismo 2013



Fonte: Acervo da Autora.

Claro que no caso do Festival existe um conceito muito maior de paisagem, no sentido de captação do olhar, tanto de quem avista os balões em terra, quanto os balonistas que avistam o público e a cidade do céu, os dois tem uma ampla visão da paisagem, só que um é o inverso do outro.

O Festival de Balonismo é uma festividade que altera a cara da cidade, sua paisagem urbana, a rotina das pessoas tanto dos moradores quanto dos visitantes. As ruas e os hotéis da cidade lotam assim como os supermercados e as avenidas da cidade, claro que além de uma festividade é um sinônimo de marketing e posteriormente muitos lucros para a cidade inteira, fazendo com que os habitantes

da cidade trabalhem até mais tarde por conta do fluxo de hotéis, bares, restaurantes e até mesmo para a companhia de transporte coletivo. Em época de Balonismo a cidade muda, as ruas ganham limpeza especial, meios-fios são pintados, a lagoa do violão mesmo estando do outro lado da cidade, também ganha limpeza por conta do crescimento avançado dos aguapés, postes e árvores são enfeitadas com balões de todas as cores assim como as vitrines das lojas e tudo mais. Nas escolas é época das crianças aprenderem a fazer balões de EVA, na minha época eram feitos com cartolina, para enfeitarem as escolas também.

E quando sobem os balões, o parque do balonismo lota de pessoas querendo o melhor ângulo e a melhor luz da manhã para tirar fotografias, assim como acontece também no fim da tarde. Alguns conseguem uma carona no balão, quando este não tem muita gente, e quando o fotógrafo tem coragem. A casa de minha mãe fica ao lado do parque de balonismo, e é claro que nessa época do festival sempre vou visitá-la, o que me faz ter uma vantagem maior de tempo, pois sempre somos acordados pelo barulho estrondoso do maçarico dos balões, fazendo com que eu me levante e corra para tirar minhas fotografias, pois sou vidrada em fotografias do balonismo principalmente quando os balões estão bem coloridos e estão todos no céu formando quase que um quadro, uma bela paisagem e tudo isso cabe “aos festivais que, num ritmo anual, trazem novos elementos urbanísticos e uma atmosfera de exceção. As cidades e as respectivas paisagens urbanas são territórios marcados pelo efêmero”, como explica Fernandes, (2011 p.3). Porque os festivais são intervenções urbanas, eles vêm, mudam toda a estrutura de uma cidade para que o evento aconteça principalmente se esta cidade for como Torres, uma cidade pequena. Os festivais também trazem consigo milhares de pessoas e isso significa coisas novas, culturas diferentes, enfim estes festivais são uma grande oportunidade de crescimento econômico e cultural para as cidades-evento.

### 3.1 INTERVENÇÃO NA FOTOGRAFIA

No início da pesquisa eu sabia que queria trabalhar com fotografia, mas no decorrer da pesquisa foi ficando difícil introduzir a fotografia com a intenção do trabalho que é falar da efemeridade e das transformações que o Festival de Balonismo causa na paisagem da cidade de Torres.

Já que a fotografia é um sinônimo de registro, de aprisionamento do momento, até aí tudo bem, pois iríamos fazer um registro de antes e depois do festival para mostrar como ele causa transformações na paisagem urbana da cidade de Torres. Mas como juntar o efêmero, e o aprisionamento? Então veio a insegurança, e como explica Salles, 2009 p. 86, “O desprazer do ato criador está ligado ao fato de que o artista encontra, ao longo de todo o percurso, problemas infinitos, conflitos sem fim, provas, enigmas, preocupações e mesmo desesperos”. E foi assim que me senti no início da pesquisa, pois não encontrava uma maneira de produzir uma obra do meu gosto, que me trouxesse satisfação. No início tentei fazer colagens das paisagens de Torres, com imagens que representassem os assuntos abordados no trabalho de pesquisa, e, apesar de eu ter dezenas de revistas em casa, elas não foram suficientes em imagens representativas o suficiente, para que eu usasse na produção artística, e nessas tentativas com a colagem a estética ficou a desejar, um tanto poluída demais visualmente e eu sou da teoria de que menos é mais. Foi aí que surgiu a ideia de fazer fotomontagens com as fotos dos festivais de balonismo dos quais participei, com fotografias tiradas por mim.

Em toda prática criadora há fios condutores relacionados à produção de uma obra específica que, por sua vez, atam a obra daquele criador, como um todo. São princípios envoltos pela aura da singularidade do artista; estamos, portanto, no campo da unicidade de cada indivíduo. São gostos e crenças que regem o seu modo de ação: um projeto pessoal, singular e único.

Esse projeto estético, de caráter individual, está localizado em um espaço e um tempo que inevitavelmente afetam o artista. Os documentos de processo, muitas vezes, preservam marcas da relação do ambiente que envolve os processos criativos e a obra em construção. Anotações de leituras de livros e jornais e observações sobre espetáculos assistidos ou exposições visitadas são exemplos dessa relação do artista com o mundo que o rodeia. São registros da inevitável imersão do artista no mundo que o envolve. Por meio dessas formas de retenção de dados, conhecemos, entre outras coisas, as questões que o preocupam e suas preferências estéticas. (SALLES, 2009 p. 41)

E além de que a fotomontagem me possibilitou uma maior expansividade no ato criativo, ao contrário da fotografia em si. No início não pensava em fotomontagem porque tinha a sensação de que faltava o meu toque manual, o meu tato, mas depois pesquisei sobre os artistas de fotomontagens e autores que falavam sobre o quanto este tipo de arte tornou-se importante, tanto para a época na qual começaram a ser feitas, quanto agora na contemporaneidade, e foi assim que

fui aperfeiçoando meu olhar contemporâneo em relação à fotomontagem, e aprendendo a achar belos os temas das obras e dar menos importância à plasticidade delas, diferentemente da minha visão com as colagens, e pensando no que diz Humberto Eco, (2004 p.405) "que esta exploração da matéria e este trabalho sobre ela nos levam a descobrir a sua secreta beleza".

Torres é uma cidade incrivelmente linda, com belos atrativos naturais, porém não conseguimos juntar essas paisagens naturais com os balões porque da última vez que isso aconteceu, um balonista caiu em alto mar ficando à deriva até que chegasse o resgate, por sorte ficou bem, e depois deste acontecimento foi proibida a aproximação dos balões à beira mar. Por este problema resolvi eu mesma juntar os balões às paisagens naturais da cidade com a ajuda de um programa de computador, usado geralmente para tratamento de imagens.

Depois de muito pensar e repensar eu cheguei a seguinte conclusão, que nesta produção artística o balão é o símbolo de liberdade, de imaginação tanto meu quanto de milhares de pessoas que vem até a cidade para ver os balões. Então em primeiro lugar tirei fotos das paisagens que seriam meu plano de fundo, e depois fui ao 25º Festival Internacional de Balonismo de Torres, fotografar os balões. Em casa com a ajuda do programa de tratamento de imagem selecionei algumas fotos e fui recortando os balões e colocando nas imagens de plano de fundo, que são as paisagens à beira mar da cidade de Torres, cuidando para que houvesse proporção entre os elementos para que ficasse o mais natural possível, ou seja, uma nova paisagem, recriada e remontada.

Como o propósito é aprisionar, as transformações ocorridas na paisagem natural da cidade, esta sensação de liberdade e por fim aprisionar este Festival de Balonismo, que é um festival efêmero com a ajuda da fotografia e da fotomontagem aprisioneitambém o balão por meio de um cordão. O aprisionamento de que falo, é o sentimento e a vontade ocultos, que temos dentro de nós em relação ao sentimento de liberdade de fazer de conseguir as coisas das quais almejamos, porque a fotografia em si, já é um sinônimo de aprisionamento.

Mas eu pensei em fazer isso de uma forma interventiva na imagem utilizando cordas de verdade. Como eu nunca tinha ouvido falar de intervenção na fotografia resolvi pesquisar, mas não encontrei nada parecido com a minha ideia, então prossegui com minha produção.

Escolhi uma empresa especializada em impressão de imagens, e pedi que eles imprimissem as minhas imagens em MDF, um aglomerado de madeira especial, nos tamanhos de 50x40 cm. Em casa, meu esposo e eu furamos a madeira para fixar as cordas entre os balões e a paisagem, consegui afirmar mais ainda minha ideia de aprisionamento, porque quero que as pessoas consigam fazer um entendimento real da minha produção, quero também que a imaginação de cada um frua, mas também quero passar o verdadeiro sentido de toda esta pesquisa, ou seja, assim como o balão está preso na paisagem, esta se encontra presa na fotomontagem. E pensando nisso, escolhi um nome para minha produção, “Paisagem Cativa”. Esta produção artística será exposta uma ao lado da outra, fixada em uma parede plana e com iluminação adequada, para melhor fruição dos apreciadores.

A seguir minhas produções artísticas e as fotos utilizadas na montagem, seguida pela fotomontagem, e pela produção finalizada.

Figura13 - Farol dos Molhes, 2013



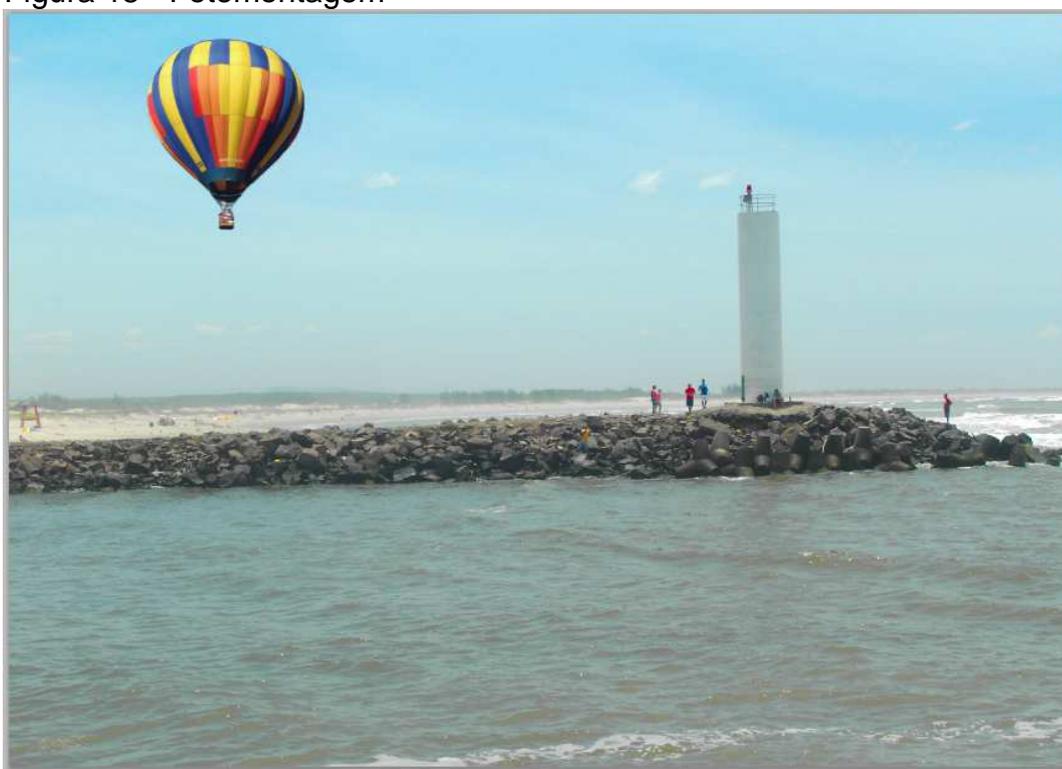
Fonte: Acervo da autora

Figura 14 - Fotografia Festival Internacional de Balonismo, 2013



Fonte: Acervo da autora

Figura 15 - Fotomontagem



Fonte: Acervo da autora

Segunda montagem, fotos utilizadas:

Figura16 - Praia da Guarita, 2013



Fonte: Acervo da autora

Figura 17 - Balão de forma, 2013



Fonte: Acervo da autora

Figura 18 - Balões, 2013



Fonte: Acervo da autora

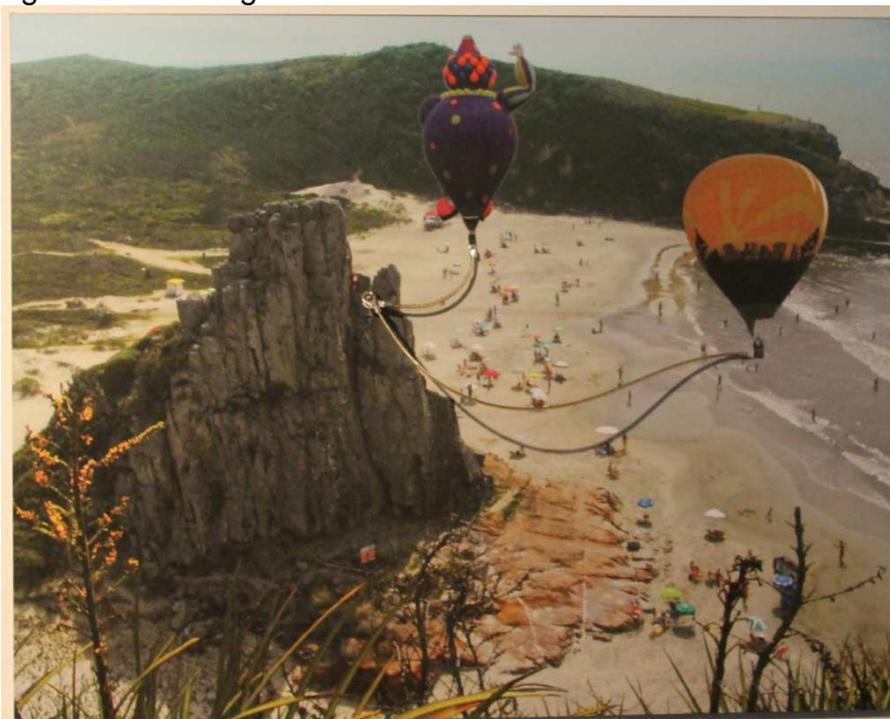
Figura 19 - Fotomontagem



Fonte: Acervo da autora

Produção Artística finalizada em exposição na Galeria de Arte Octávia Gaidzinsk.

Figura 20 - Paisagem Cativa nº1



*Paisagem Cativa nº1*  
Caroline Pires.  
Fotomontagem, 2013

Figura 21 - Paisagem Cativa nº2



*Paisagem Cativa nº2*  
Caroline Pires.  
Fotomontagem, 2013

## 4 CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como objetivo principal falar sobre as transformações de uma paisagem transmutada por um festival de balonismo, um evento efêmero decorrente de uma paixão de uma cidade por balões, por cores e emoções. Um evento que todo ano movimentava uma cidade inteira durante quatro dias com música, dança, teatro, e muitas outras atividades culturais, um evento que virou símbolo da mais bela praia gaúcha, como é conhecida.

Em relação ao problema de pesquisa: De que maneira as transformações efêmeras na paisagem natural de Torres, ocasionadas pelo Festival Internacional de Balonismo, pode ser representado através da arte contemporânea? Consegui de maneira segura e concisa responder a questão, através de toda a pesquisa bibliográfica relacionada à arte contemporânea, paisagem, fotografia e a história do balão, além dos artistas citados que reforçaram a resposta ao problema e também aos objetivos da pesquisa.

Acredito que na minha intenção de juntar as questões abordadas na pesquisa com a minha produção artística consegui um bom resultado. A fotografia e a fotomontagem foram meus mecanismos usados como suporte artístico, assim como a questão da liberdade está na relação, arte contemporânea, artista e criação, ou seja, a minha liberdade criativa e inventiva acreditando que “uma sociedade livre respeita a liberdade na criação artística” (MENDONÇA, 1977, p. 109), e do capítulo que falo sobre paisagem reflete-se na própria imagem, a paisagem natural da cidade de Torres, transformada pela presença dos balões.

Desejo apontar como novas possibilidades de pesquisa, um aprofundamento maior com relação à fotomontagem artística, uma arte pouco explorada na atualidade e pouco citada nas mídias, que perde lugar para as fotografias em geral, mas que na década de 1920 fez muito sucesso e foi muito útil quando os jornais e revistas precisavam enfrentar o governo russo. Por isso acredito que daria ao menos um artigo senão uma pesquisa muito interessante.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ARCHER, Michael. **Arte Contemporânea: uma história concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BASTOS, A. de Miranda. **Meus Balões**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007.

CANTON, Katia. **Do Moderno ao Contemporâneo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CAUQUELIN, Anne. **Arte Contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

-----**A invenção da Paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea?** Recife: Massangana, 2006.

COLI, Jorge. **O que é arte**. 15ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

COTTON, Charlotte. **A fotografia como arte contemporânea**. São Paulo: WMF, 2010.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte/MG. Autêntica, 2006.

ECO, Umberto. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FERNANDES, João Luis J. (2011), “**A paisagem urbana simbólica enquanto território efêmero de celebração e marketing territorial – o caso particular das Christmascapes**”; in VIII Congresso da Geografia Portuguesa – Repensar a Geografia para Novos Desafios; APG, Lisboa.

JUNIOR, Benjamin Abdala. **De vôos e ilhas: literatura e comunitarismo**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

KOSSOY, Boris. **Os Tempos da Fotografia: O Efêmero e o Perpétuo**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

KUBRUSLY, Cláudio Araújo. **O que é fotografia?** 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MENDONÇA, Eduardo Prado de. **A Construção da Liberdade**. São Paulo: Convívio, 1977

MONFORTE, Luiz. **Alegorias Brasileiras**. São Paulo: Senac, 2005.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado: Processo de Criação Artística**. São Paulo: Annablume, 2009.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa**. 1ª ed. São Paulo/SP, Hackers editores, 2001.